

O problema é do aluno: os docentes e suas justificativas para violência escolar

Marian Ávila de Lima Dias

## **Introdução**

O fenômeno do bullying tem sido objeto de crescente preocupação nas instituições educacionais, demandando uma análise aprofundada das dinâmicas sociais e culturais que o sustentam. Em janeiro do ano corrente foi promulgada no Brasil a Lei 14.811/2024, também conhecida como Lei antibullying que, dentre outras responsabilidades, inclui medidas de conscientização, prevenção e combate a diversos tipos de violência na escola. Contudo, ainda são pouco frequentes atividades formativas junto aos professores a respeito da conceituação do *bullying* e de suas formas de enfrentamento (DIAS et al., 2021).

A partir das contribuições teóricas de Theodor Adorno (1995), sobretudo em seus textos sobre educação, buscamos compreender as posições dos professores sobre a violência escolar entre pares com destaque para o bullying, suas vítimas e seus perpetradores procurando identificar possíveis implicações dessas concepções para as práticas de prevenção e combate às formas de violência escolar entre pares.

Ao recorrermos à teoria crítica de Adorno (1995, 2020), visamos não apenas compreender os mecanismos presentes na violência entre estudantes, mas também refletir sobre possíveis caminhos para sua superação. Ao confrontarmos as estruturas sociais e culturais que sustentam a barbárie, almejamos contribuir para a construção de uma educação mais humanizadora e emancipatória, capaz de promover a solidariedade, o respeito mútuo e a justiça social.

A formação, segundo Adorno (1995), tornou-se basicamente adaptativa e pouco voltada à autonomia, à reflexão e à experiência; mesmo a forma de pensar incentivada na escola é redutível a regras técnicas e não à contraposição entre o conceito e a realidade, que define a experiência. Dessa forma, os conteúdos não são refletidos e vão sendo substituídos rapidamente não deixando marcas no indivíduo, o que pode favorecer uma relação de frieza para com os colegas, sobretudo aqueles identificados como sendo os mais frágeis.

Neste cenário, investigamos as representações dos docentes sobre as características dos envolvidos no fenômeno do bullying, suas possíveis causas e

implicações por meio de entrevistas com seis professores de diferentes disciplinas em duas escolas distintas.

## **Método**

Foram entrevistados professores de duas escolas públicas estaduais da Grande São Paulo. Ambas possuem em torno de mil estudantes e atendem aos níveis de ensino Fundamental 2 e Médio e foram fundadas no final dos anos 1970. A Escola 1 localiza-se em região periférica de uma cidade da região Metropolitana da Grande São Paulo e a Escola 2 em uma região mais central desta mesma cidade. A entrevista seguiu um roteiro semi-estruturado que se inicia com perguntas sobre dados pessoais da formação dos professores para em seguida abordar o tema da violência entre alunos. As entrevistas foram transcritas, revisadas e aprovadas pelas entrevistadas antes de serem analisadas. Todos esses procedimentos foram aprovados pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São Paulo.

Em cada escola foram entrevistadas professoras de Artes, Educação física e Língua Portuguesa do 6º. ano. A escolha por essas disciplinas decorre das suas diferentes configurações, o que implica em formas distintas de convivência com e entre os estudantes. Professoras de sala de aula, como as de Língua Portuguesa, passam mais tempo com os alunos em sala de aula, com ênfase em conteúdos que requerem o domínio da leitura e da escrita. Professoras de Educação física costumam encontrar-se apenas uma vez na semana e, via de regra, com atividades ao ar livre voltadas a habilidades corporais. Já as professoras de Artes também têm apenas uma aula de cinquenta minutos com cada classe em uma situação em que outras formas de expressão, além daquelas baseadas na leitura e na escrita, são apresentadas e convocadas. Tais diferenças sustentam a hipótese de que as formas de compreensão da classe e o modo com que estes professores atuam frente a uma mesma sala provavelmente são bastante diferentes e, conseqüentemente, as suas respostas a respeito da compreensão sobre a violência escolar entre pares, podem apontar para diferentes aspectos do fenômeno.

Apenas um dos seis entrevistados é do sexo masculino. A idade variou entre 38 e 61 anos, sendo que três têm entre 38 e 39 anos. Todos são formados em suas respectivas áreas; a professora de Artes da Escola 1 ainda está cursando esta graduação,

mas já é habilitada em outra licenciatura. A professora de Educação Física da Escola 2 tem também pós-graduação na área. Identificaremos as e o entrevistado com as seguintes siglas: LP1 e LP2 para as professoras de Língua Portuguesa da Escola 1 e da Escola 2 respectivamente; A1 e A2 para as professoras de Artes das respectivas escolas e EF1 e EF2 para o professor de Educação Física da Escola 1 e a professora de Educação Física da Escola 2.

### **Apresentação e análise dos dados**

Os pesquisadores inicialmente destacaram individualmente trechos das respostas que consideraram mais significativos e posteriormente compararam entre si suas versões. O movimento seguinte foi elaborar sínteses que nos permitissem perceber possíveis semelhanças e regularidades nas respostas, além de destacar trechos que representassem ideias centrais nas falas dos professores.

A primeira questão buscava saber se as professoras haviam presenciado a ocorrência de bullying naquela escola. A resposta foi positiva em todos os professores da Escola 2. Mesmo que LP2 afirme não ser algo “tão grave”, e EF2 diga que são “casos raros”, as três revelam ter conhecimento desse tipo de violência naquela escola.

O professor de EF1 por sua vez, menciona que já presenciou falas, situações entre os alunos relacionadas à xenofobia e outras formas de discriminação. Ele parece conhecer o conceito, pois deixou clara a questão da repetição de uma relação constante de dominação e humilhação como elementos presentes no bullying. A1, ao descrever detalhadamente uma situação violenta ocorrida naquela escola, indica que talvez não tenha claro o conceito da intimidação sistemática entre pares presente no bullying, pois relata uma situação violenta perpetrada por “um aluno laudado” contra outro colega. Esta professora, embora diga que não percebe a ocorrência de bullying, talvez não tenha claro que o termo foi cunhado para explicitar o conceito da intimidação sistemática entre pares. De todo modo, cabe ressaltar que tem sido constatado com frequência em pesquisas empíricas sobre bullying um desconhecimento das características principais dessa forma de violência (intencionalidade, repetição e desigualdade de poder entre os envolvidos) tanto por parte dos estudantes quanto por parte do professorado e, diante dessa constatação, pesquisadores têm assinalado a premência de intervenções que sejam formativas e informativas nesse sentido, uma vez que, sem conhecer o bullying,

torna-se difícil o processo de identificação e intervenção sobre ele (Bottan et al, 2020; Falcão, Stelco-Pereira e Alves, 2021; Mezzalira, Fernandes e Santos, 2021; Frois, Hooper, Lessa e Albuquerque, 2021; Bittencourt et al, 2021).

As demais professoras, embora com ênfases diferentes quanto à sua frequência, afirmaram já ter presenciado situações desta natureza. Isso denota que o bullying entre alunos, ao menos na perspectiva dos entrevistados, permanece como uma das formas de violência dentro do ambiente escolar.

Sobre os motivos para a ocorrência do bullying, nas três respostas de professores da Escola 1 prevalece a compreensão de que a ocorrência da violência na escola decorre de um espelhamento de vivências externas à escola. No entanto, há que se atentar para o fato de que a ideia de reprodução ou espelhamento da escola em relação à sociedade pode se fazer acompanhar de um conteúdo indeterminado quanto à ideia de sociedade. De outra parte, EF1 pondera que a hierarquização entre grupos dentro da escola é um fator que contribui para a ocorrência do bullying. Nas respostas de LP2 e de EF2 prevaleceu a percepção de que a formação de grupos na escola tem alguma relação com o fenômeno. O entendimento de que a escola não é um átomo isolado das outras esferas e âmbitos sociais é importante por revelar que essa instituição, a escola, apresenta certa porosidade em relação a outras dimensões da vida social.

Assim, se de um lado há uma tendência a conceber a violência como algo “vindo de fora”, há também alguma percepção de que a conformação de grupos na escola é um fator a ser observado. Adorno (1995) indica a existência de duas hierarquias na escola: a que classifica os piores e os melhores alunos, segundo o rendimento escolar, e a que os classifica segundo as habilidades corporais, relacionadas à força física; conforme o autor, o fascismo se aliou a essa última contra a primeira das hierarquias citadas. O favorecimento da ‘hierarquia corporal’ sobre a ‘hierarquia intelectual’ não é algo específico da escola, mas desta sociedade. EF2 ressalta atributos corporais, como a força. A ideia da superioridade pela força física é um traço da dominação frequente na sociedade administrada (Horkheimer e Adorno, 1985).

O que está em jogo não é apenas subjugar a vítima, que representa a fragilidade, mas adaptá-la à racionalidade vigente em que se encontram os dominadores e os dominados. A própria disciplina de Educação Física não pode ser desconsiderada uma vez que, de um modo geral, ela ainda tem se pautado na valorização do corpo forte,

hábil, atlético como um modelo a ser seguido. Some-se a isso a perspectiva classificatória dos desempenhos durante as aulas; o resultado é a manutenção da hierarquia não oficial também no ambiente escolar (Dias, Ribeiro, Carreira e Peixoto, 2021).

A existência de hierarquias na escola é coerente com a sociedade que gera constantemente a ordenação entre as pessoas: mais rica – mais pobre; mais forte – mais fraca; mais bela – mais feia etc. Os professores de EF, ao mencionarem “falas estereotipadas sobre determinado grupo social” (EF1) e dizerem que “um grupo se acha melhor que os outros, tem mais poder aquisitivo” (EF2), ampliam a questão e indicam compreender a existência de outras ordenações para além da força física ao mencionar a diferença de classes como fator de agressão.

Por fim, ao perguntarmos quais seriam as formas de combate às violências praticadas entre pares, quatro docentes (LP1, LP2, EF1 e A2) mencionam aspectos mais amplos, relativos a uma dimensão social externa à escola, como exemplificado na fala de A2: “Eu acho que o papel é mais social, macro, começa da educação social, depois a família e, por último, a escola.” Se, de fato, a existência desse tipo de intimidação denota uma formação social problemática que ultrapassa em grande medida apenas o que se passa na escola, de outra parte ao identificar o bullying apenas como um “problema social” corre-se o risco de que professoras e professores não se impliquem – quer como adultos, quer como profissionais da educação – e nem concebam que seja papel da educação formal a realização de ações voltadas ao seu combate.

No que diz respeito a propostas na e da escola, quatro professores mencionam desde ações pontuais (geralmente como reação a algum episódio violento já ocorrido, como relatam A1 e LP2) como projetos desenvolvidos na escola com alguma duração mais longa (como os mencionados por LP1 e EF1). A atenção aqui deve se voltar para os seguintes aspectos: as escolas têm propostas coletivas e constantes voltadas a esse enfrentamento ou estamos diante de ações esparsas, dependentes da iniciativa de um ou outro profissional que geralmente ocorre apenas após o bullying ser descoberto?

O docente é visto como alguém capaz de propor e de participar de ações voltadas a essa temática? Ou isso “não é problema dele”? E, se algum professor toma a iniciativa, tem que ser “por conta própria?”, ele está sozinho nessa atividade?

Como síntese das entrevistas realizadas, constatamos que, embora o bullying tenha se tornado um vocabulário conhecido e utilizado nas escolas, para a maioria das entrevistadas a forma como ele é adotado nem sempre corresponde à definição cunhada por Olweus (1993), o que indica a necessidade de que o conceito, bem como suas causas e formas de enfrentamento podem ser abordados de modo mais sistemático como parte dos momentos de formação de professores. Quanto às explicações para sua ocorrência bem como as medidas que elas julgam serem necessárias para seu combate, novamente, a concepção parece decorrer de crenças morais e de justiça individuais, por vezes, pouco ou nada associadas à sua profissão de ensinar.

Se uma sociedade injusta como a atual não apresenta condições plenas para a formação de um indivíduo que possa se responsabilizar inteiramente pelos seus atos, isso não pode ser impeditivo para pensar que essa mesma sociedade também luta pela justiça e pela paz e, assim, ainda há algum espaço na formação escolar dos indivíduos orientado para manter e fomentar ações racionais dos sujeitos, sem descuidar das limitações objetivas atualmente presentes. Deste modo, a responsabilidade individual pode ser afirmada e negada simultaneamente: os estudantes ainda não podem assumir plenamente os seus atos, quer por condições sociais, quer por condições psíquicas, mas isso não significa que não possam encontrar na escola opções pelas quais possam se responsabilizar e ser responsabilizados quando adotam atitudes como o bullying.

## **Referências**

- ADORNO, T.W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BITTENCOURT, M.R., HIZUKURI, T.S., BITENCOURT, M.G., ALARCÃO, A.C.J., CARVALHO, E.C.A., ANDRADE, L., PELLOSO, S., CARVALHO, M.D.B. Variáveis envolvidas no gerenciamento de conflitos do tipo bullying em escolas: uma análise de Rede Bayesiana. *Revista paulista de Pediatria*, 39, 1-7, 2021.
- BOTTAN, G., VIZINI, S., ALVES, P.F.O., GUIMARÃES, L.S.P., NASCIMENTO, B.P., RIGATTI, R., HELDT, E. Intervenção breve antibullying para adolescentes em escolas públicas. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 41, 1-9, 2020.
- DIAS, M.A.L.; RIBEIRO, M.N.F.; CARREIRA, J.L.C.; PEIXOTO, J.S. Formas de compreensão da violência escolar entre alunos na visão dos professores. In: da SILVA, P.F.; Cristiane

Souza Borzuk, Gil Gonçalves Junior (Orgs.) *Teoria Crítica, violência e resistência*. São Paulo: Blucher, 2021.

FALCÃO, C.S.N., STELCO-PEREIRA, A.C. & ALVES, D.L.G. Envolvimento de alunos com TEA em situações de bullying de acordo com múltiplos informantes. *Educação e Pesquisa*, 47, 1-20, 2021.

FROIS, T., HOOPER, B., LESSA, F.L., ALBUQUERQUE, M.R. Discentes de educação física de universidades públicas conceituadas sabem parcialmente o conceito de bullying. *Journal of Physical Education*, 32, 1-11, 2021.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T.W. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

MEZZALIRA, A.S.C, FERNANDES, T.G. & SANTOS, C.M.. Os desafios e as estratégias da psicologia escolar no enfrentamento do bullying. *Psicologia Escolar e Educacional*, 25, 1-5, 2021.

OLWEUS, D. *Bullying at School: What We Know and What We Can Do*. Oxford, UK: Blackwell Publishing, 1993.